

O romance histórico de Ana Miranda

Mestranda. Ludmila G. Ribeiro de Mello ¹ (Unesp - Araraquara)

RESUMO: *O trabalho versa sobre o romance histórico, narrativas nas quais a ficção é marcada pela arte de apresentar com vida cenários, pessoas e acontecimentos do passado, anteriormente definidos somente pela formalidade dos textos dos historiadores. Esse gênero comporta a inclusão de personagens e contextos imaginários, que se mesclam com os primeiros, formando, portanto um texto que é literário. Mais especificamente buscará definir como se dá o tratamento da História em ficção feita por mulheres, representadas por Ana Miranda em **Desmundo**, obra publicada em 1996.*

Palavras-chave: literatura brasileira contemporânea - romance histórico – literatura de mulheres

Introdução

Sempre fomos o que os homens disseram que nós éramos.
Agora somos nós que vamos dizer o que somos.
(apud COELHO, 1993. p. 14)

Ao nos depararmos com essa citação de Lygia Fagundes Telles sobre a emancipação literária feminina, podemos questionar se realmente existe hoje liberação das mulheres, enquanto personagens ficcionais, dos estereótipos pertencentes principalmente à ótica masculina, pois “se excluídas do processo de criação cultural, as mulheres estavam sujeitas à autoridade/ autoria masculina”. (TELLES, 2000. p.408)

Se tal libertação passou a existir, como a literatura reflete esse processo? Ou seja, como as personagens femininas são representadas nas narrativas ficcionais? Em especial nas narrativas históricas?

Como a literatura de mulheres representa as personagens femininas? Serão representadas como são vistas na contemporaneidade: fortes, independentes, questionadoras? Ou ainda ligadas “a construção da imagem feminina a partir da natureza e das suas leis (...) qualificando a mulher como naturalmente frágil, bonita, sedutora, submissa, doce etc.” (ENGEL, 2000. p. 332)

Como Oribela, protagonista de **Desmundo** é vista e descrita por uma escritora? Que tipo de figura feminina ela constitui? Ela destaca-se em relação ao esperado das mulheres no contexto histórico-social pertencente ao livro? Por se tratar de um romance histórico, há a introdução de algum novo fator?

1 - O Histórico e o Literário

A história é um romance que foi, o romance é uma história que poderia ter sido.
(apud BRASIL, 1997. p. 386)

A partir da citação de Goncourt, podemos questionar as fronteiras que dividem a História¹, enquanto descrição dos fatos reais, e o gênero romance, uma vez que “de um lado temos a história, que possui, ao mesmo tempo, uma função descritiva e reflexiva, isto é, descreve e analisa criticamente; de outro está a literatura, cuja verdade restringe-se ao âmbito estético num primeiro momento, e ao âmbito cultural num segundo” (BRASIL, 1997. p. 384). É com a união desses dois tipos de

¹ A partir daqui usaremos História com “H” maiúsculo para nos referirmos à narração de fatos históricos, políticos e sociais ligados a uma sociedade ou a toda a humanidade.

textos que chegamos ao conceito de romance histórico. Este seria o texto histórico representado pelo discurso literário, como podemos confirmar nos dizeres de Marinho:

Trata-se de um gênero híbrido, na medida em que é próprio da sua essência a conjugação da ficcionalidade inerente ao romance e de uma certa verdade, apanágio do discurso da História. (MARINHO, 1999. p. 12)

Por meio do romance, a ficção consegue, muitas vezes, tornar coerentes fatos históricos que a própria historiografia não consegue definir, pois a realidade possui várias facetas, e o romance pode interpretá-las a partir da imaginação.

Então, conclui-se que

o romancista histórico é aquele que sendo um *doublé* de historiador e literato, toma, por tema de seu livro, um trecho da história de sua pátria, rerepresentando os fatos, não com a monotonia dos textos frios, como acontece com os didáticos, cheios de nomes e datas, mas, ao representar o fato histórico insípido e didático, faz isto, sem contudo, fugir da verdade histórica. Como literato que é, ele enfeita com palavras bonitas a imagem frígida da história. (RIBEIRO, 1976. p.20-21)

Esse tipo peculiar de narrativa teria surgido, segundo Lukács, na Europa no século XIX, quando “condições sócio-políticas precisas como a Revolução Francesa, a ascensão e queda de Napoleão ou as convulsões do início do século XIX, contribuíram, (...) para o aparecimento de um gênero romanesco próprio e que se afasta radicalmente de obras pretensamente afins do século anterior” (apud MARINHO, 1999. p.15). Ainda segundo Lukács, Walter Scott teria sido o “pai fundador” desse tipo de obra.

Entretanto, desde a Antigüidade Clássica, a ficção e a realidade aparecem como partes constituintes da História, pois os historiadores acabavam por misturar em seus textos acontecimentos reais com fatos mitológicos:

Na Antigüidade clássica, a invenção de discursos pelos historiadores que afirmavam dizer a verdade não era considerada uma prática aética. Em outras palavras, escritores gregos e seus públicos não colocavam a linha divisória entre história e ficção no mesmo lugar em que os historiadores a colocam hoje (ou foi ontem?). (BURKE, 1997. p. 108)

Percebemos, portanto, que na Grécia Antiga, a distinção entre História e ficção acabava por ficar a cargo do leitor.

Na Idade Média, a fronteira entre o real e o fictício também se torna tão estreita que é quase impossível identificá-la, pois assim como na Grécia antiga, a vida dos santos católicos é cheia de mistério e ficção.

Ao serem analisados, esses textos levam os pesquisadores a levantar conceitos do que poderia ser considerado romance histórico. Se aceitarmos o que afirma Roberto Reis, que “romance histórico é a intersecção entre o texto histórico e o texto literário, preservando, respectivamente, as ideologias históricas e ficcionais” (REIS, 1998. p. 236-237), poderíamos dizer que esses textos antigos já constituíam essa categoria literária.

Contudo, há divergências quanto a esse conceito; não que ele seja falho, mas é, com certeza, superficial. Tomando como base que o “romance histórico tradicional é aquele pelo qual o romancista tenta reconstruir determinado período através da ficção, enfocando a própria historiografia com a descrição dos hábitos e da cultura da época” (PELLEGRINI, 1999. p. 116) é que começaremos a questionar o seu aparecimento.

Entre os séculos XVII e XVIII, na Europa, há o desenvolvimento do romance enquanto gênero literário, assim como da historiografia, ambos como resultado da chamada “crise da consciência história” (BURKE, 1997. p. 110), que consistiu em um ‘debate’ sobre a importância de se conhecer o

passado (as guerras, a cultura, as ideologias etc) e as maneiras de se transcrevê-lo em forma de ficção. Por essa razão, aparecem referências constantes relacionando História e ficção. Ainda nesses séculos, já havia a presença de romances que mesclavam essas características, como os de Madame de Lafayette. Mas, esses romances, assim como os que surgiram em seqüência, prendiam-se aos fatos reais e sentiam-se no direito de apenas criar ou modificar personagens menores da história. (BURKE, 1997. p. 110)

Durante o Renascimento e o século seguinte, a historiografia e a ficção separam-se e o “olhar” sobre o real passa a ser mais objetivo:

Do lado da historiografia, a ciência com suas pretensões de objetividade na apreensão do real, do lado do romance, ao contrário, a subjetividade e a imaginação. Mas, este distanciamento não se realizou de maneira tão abrupta como poderíamos imaginar. (DECCA, 1997. p.198)

No século XIX, com o apogeu do Romantismo, há uma necessidade de buscar a identidade nacional, num momento de profundas transformações político-sociais na Europa, como as guerras napoleônicas:

Trata-se de um momento no qual os defensores da restauração quanto os que procuram manter vivos os ideais da revolução burguesa revelam uma consciência histórica crescente e buscam fazer grandes interpretações do passado, seja para idealizar a Idade Média, em contraponto com as contradições e conflitos do período revolucionário, seja para dar ênfase ao progresso humano, ressaltando como passo decisivo a revolução francesa. (FIGUEIREDO, [200_]. p. 1)

É nesse momento que caberá à ficção ultrapassar as barreiras do ficcional, retratando a contemporaneidade, num sentimento de valorização da pátria.

No século XIX, os romances refletem características contemporâneas dos protagonistas, por exemplo, as famílias patriarcais e burguesas, traduzindo, portanto, a sociedade oitocentista para a ficção. Afinal, o ideal romântico pregava a observação e a valorização da pátria, como expressão do nacionalismo então vigente.

Durante esse período, o romance, como gênero literário, passa a ser, mais do que nunca, um meio de valorização e de descoberta da cultura e da identidade nacional. Aparece assim, o chamado romance histórico tradicional, aquele que leva ao mundo ficcional o pensamento e a expressão históricos de uma época.

Portanto, o romance histórico surge, no século XIX, numa tentativa de usar a História nos textos literários para auxiliar na construção de uma identidade nacional em um momento em que se formavam os Estados modernos e a idéia de nação estava ligada a questões de poder político e econômico.

2- Mártires ou Pandoras?

(...) durante muitos anos, não tendo modelos literários, culturais e artísticos femininos, a mulher criadora foi levada a mimetizar o olhar masculino. (MONTERO, 2003. p. 126)

As mulheres compartilham uma história, imposta pelos homens, repleta de repressão, preconceito e reclusão com a qual, muitas vezes, fizeram questão de compactuar, pois

a própria mulher reconhece que o universo em seu conjunto é masculino; os homens modelaram-no, dirigiram-no e ainda hoje o dominam; ela não se considera responsável; está entendido que é inferior, dependente; não aprendeu as lições da violência, nunca emergiu, como um sujeito, em face dos outros membros da coletividade, fechada em sua carne, em sua casa, aprende-se como passiva em face des-

ses deuses de figura humana que definem fins e valores. (BEAUVOIR, 1980. p. 364)

Muitas aceitavam as imposições no campo político-econômico, outras também no campo cultural e doméstico. Entretanto, algumas lutaram e reivindicaram seus direitos, às vezes, não de forma direta e coletiva, mas posicionando-se contras decisões de seus maridos e/ou pais. Além disso, as mulheres buscaram na escrita e nas produções artísticas **voz** para suas causas.

A literatura de mulheres e seu estudo são hoje um campo em expansão, entretanto, o surgimento desse tipo de narrativa foi tardio. Isso se deve ao fato da própria condição social da mulher estar também ainda hoje em desenvolvimento. Virgínia Woolf já nos abriu caminho para tais questionamentos:

Em todos os séculos, as mulheres têm servido de espelhos, dotados do mágico e delicioso poder de refletir a figura do homem com o dobro do seu tamanho natural. Sem esse poder, a Terra provavelmente ainda seria pântano e selva (...) Qualquer que seja seu emprego nas sociedades civilizadas, os espelhos são essenciais a toda ação violenta e heróica. Eis porque tanto Napoleão quanto Mussolini insistem tão enfaticamente na inferioridade das mulheres, pois, não fossem elas inferiores, eles deixariam de engrandecer-se (...) E serve para explicar o quanto se inquietam ante a crítica que elas lhe fazem (...) É que, quando ela começa a falar a verdade, sua aptidão para a vida diminui. (apud XAVIER, 1991. p.52)

Mas, afinal, como se constitui a literatura de mulheres?

Poderíamos afirmar que essa literatura constitui-se como categoria diferente por apresentar estrutura e temas diferenciados do já conhecido “discurso masculino”, como nos afirma Martha Tra-
ba:

(...) apontam como características ‘femininas’ na literatura contemporânea a palavra fragmentada; a tendência a impregnar a palavra escrita com elementos da oralidade; a insistência no próprio emissor (o discurso voltado para o sujeito que fala); a projeção da linguagem ao nível simbólico; a tendência a explicar o universo em vez de interpretá-lo; a predileção pelo detalhe, como ocorre com o relato popular, etc. (apud COELHO, 1993. p.15)

As literaturas feminina e masculina diferem-se por ser a primeira, além de mais intimista, problematizadora, já que a mulher tem uma condição desfavorável a ser questionada. E é exatamente essa condição que permite afirmar que existe uma literatura de mulheres segundo nos aponta E-
lódia Xavier:

Não existe ‘discurso masculino’, porque não existe ‘condição masculina’. A mulher, vivendo uma condição especial, representa o mundo de forma diferente. (XAVIER, 1991. p.11)

Há, entretanto, escritores que não consideram a existência de uma literatura diferenciada pelo “olhar feminino”, como observamos nos dizeres de Montero, escritora e jornalista:

Venho fazendo entrevistas há trinta anos, como jornalista, e sendo entrevistada como escritora há vinte e cinco. Nesse tempo me fizeram duas perguntas até chegar à saciedade, ao desespero, à ira (...)

Existe uma literatura de mulheres? (...)

Não, não existe uma literatura de mulheres. (MONTERO, 2003. p.121-122)

Essas posições antagônicas sobre o tema nos levam a refletir sobre o que podemos chamar de **literatura de mulheres**; e nos mostra o quanto esse assunto ainda é polêmico.

Conclusão

Na elaboração deste trabalho, foram levantadas algumas hipóteses que procuravam indicar alguns aspectos relativos tanto a literatura feita por mulheres quanto ao romance histórico. É possível afirmar que as mulheres representadas em **Desmundo** seguem dois padrões de verossimilhança em relação à realidade histórica: a maioria delas, principalmente as personagens secundárias, representam o estereótipo da mulher submissa, dependente afetiva e dependente economicamente dos homens, sejam pais, maridos, irmãos, etc. Já a protagonista rompe esse padrão, revelando-se forte, independente, questionadora e capaz de lutar por seus desejos e direitos, caindo no estereótipo da “mulher moderna”. Mas, no romance, a verossimilhança interna é respeitada, pois todas as mulheres desenvolvem ações que não comprometem a coerência dos fatos narrados de modo realista.

O fato de ser um romance histórico é bastante importante, pois esse tipo de narrativa tem as suas regras e a verossimilhança é uma delas, embora no romance histórico moderno, a “interpretação dos fatos históricos” é o que mais importa e não a sua reprodução pura e simples ou a sua comprovação com base em documentos. No romance analisado isso fica bem claro, pois a história do Brasil é “interpretada”, para que a criação ficcional seja mais importante. Assim, convivem personagens reais e fictícios, fatos verídicos são recontados, cenários são reconstruídos, mas sem perder de vista a verossimilhança.

E, por último, é importante destacar que não se percebe no romance nenhuma preocupação com questões de construção de uma nacionalidade, característica normalmente encontrada nos romances históricos tradicionais. **Desmundo** “conta uma história”, utilizando a História do Brasil de uma maneira pessoal, característica da autora.

Referências Bibliográficas

- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo** (tradução). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p. 364
- BRASIL, Luís Antonio de Assis. In: **Gêneros de fronteira – cruzamento entre o histórico e o literário**. São Paulo: Xamã, 1997. p. 386
- BURKE, Peter. As fronteiras entre história e ficção. In: **Gêneros de fronteira – cruzamento entre o histórico e o literário**. São Paulo: Xamã, 1997. p. 108
- COELHO, Nelly Novaes. **A literatura feminina no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Siciliano, 1993. p. 14.
- DECCA, Edgar de. O que é romance histórico? Ou, devolvo a bola para você, Hayden White. In: **Gêneros de fronteira – cruzamento entre o histórico e o literário**. São Paulo: Xamã, 1997. p.198.
- ENGEL, Magali. Psiquiatria e feminilidade. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Unesp e Contexto, 2000. p. 332.
- FIGUEIREDO, Vera Follain de. O romance histórico contemporâneo na América Latina. **Simpósio UERJ**, Rio de Janeiro, [200_]. p. 1
- MARINHO, Maria de Fátima. **O romance histórico em Portugal**. Lisboa: Campo das Letras, 1999. p. 12.
- MONTERO, Rosa. **A louca da casa** (tradução). Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. p. 126
- PELLEGRINI, Tânia. A ficção brasileira hoje: os caminhos da cidade. **Olhar** - revista do CECH da UFSCar, São Carlos, ano 1, n.º 2, dez 1999. p. 116
- REIS, Roberto. (Re)lendo a História. In: LEENHARDT, J. & PESAVENTO, S. (orgs.). **Discurso Histórico e Narrativa Literária**, Campinas: Unicamp, 1998. p. 236-237
- RIBEIRO, José A. P. **O romance histórico na literatura brasileira**. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976. p.20-21
- TELLES, Norma. Escritoras, escritas e escrituras. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Unesp e Contexto, 2000. p. 408.

XAVIER, Elódia. **Tudo no feminino:** a mulher e a narrativa brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991. p.52

[1] Ludmila RIBEIRO DE MELLO, mestranda.
(Unesp, Departamento de pós-graduação em Estudos Literários – campus de Araraquara)
ludmilagi@ig.com.br